

EJUSDEM FARINAE: FARINHA DO MESMO SACO

Rogério Lobo SÁBER¹ (Univás)

RESUMO

Sempre coube a cada sujeito investigador — munido de lentes próprias, quer sejam das ciências naturais, quer sejam das ciências ditas humanas — encontrar caminhos teóricos que contribuam com a compreensão da realidade. As divergências tornam-se mais acentuadas quando se desvelam argumentos que advogam em favor do potencial iluminador do discurso literário: *a literatura é uma forma válida de conhecimento?* Nosso trabalho, pautando-se por recenseamento bibliográfico, intenta colocar, no centro da arena, os discursos literário e científico propriamente dito, a fim de alcançar considerações finais que apontem para o fato de que ambas as manifestações discursivas são indispensáveis ao homem.

Palavras-chave: discurso literário; discurso científico; literariedade.

ABSTRACT

It has always been up to each investigative human being — armed with his own lenses, whether they belong to natural sciences, whether they come, so to speak, from the human sciences — to find theoretical paths which contribute to the understanding of our reality. The discrepancies become more pronounced when arguments that advocate in favor of the illuminating potential of literary discourse get unveiled: *is the literature a valid form of knowledge?* Our essay, guiding itself through bibliographical census, attempts to put, in the middle of the arena, the literary discourse and the scientific discourse itself, in order to reach final considerations which point out the fact that both discursive manifestations are essential to the human being.

¹ E-mail: rogeriosaber@gmail.com

Keywords: literary discourse; scientific discourse itself; literariness.

*Peut-être me direz-vous: « Es tu sûr que cette légende soit la vraie ? »
Qu'importe ce que peut être la réalité placée hors de moi, si elle m'a aidé à vivre,
à sentir que je suis et ce que je suis ?²*

(Charles Baudelaire)

*Entre todos os materiais das artes, porém, é somente a linguagem que pode
produzir a ilusão da vida, isto é, criar personagens vivos, sensíveis, pensativos,
que falam e também se calam.*

(Käte Hamburger)

Esta nossa especulação é o que se pode chamar de *tiro às escuras*. Em primeiro lugar porque todo texto, por arrebatar cada leitor de forma distinta, não nos permite asseverar se conseguiremos, de fato, descer ao primeiro degrau do porão filosófico — que é o lugar que, ingenuamente, gostaríamos de alcançar.

Assusta-se o leitor, mas é justamente a ideia de porão que devemos aqui explorar; afinal, se os meandros por que transita todo o arsenal teórico-filosófico existente são vários e, se é verdade que as teorias da filosofia — por serem elas mesmas múltiplas — tecem diálogo favorável com outras áreas do conhecimento, de modo a comporem um lato mosaico, não intentamos alcançar outro sítio senão o porão mencionado: ambiente profundo, gruta da casa, ar denso.

Nossa busca, acreditamos, deve ser pelo profundo, por tudo aquilo que subjaz às aparências e que nos permite, de maneira real — ou pelo menos sensível — compreender a realidade que nos circunda. É claro que se nos dispuséssemos a explorar cada fresta que a realidade observável — tal qual dioneia vistosa e matreira — nos convida a fazê-lo, por certo encontrar-nos-íamos perdidos, já que a realidade — dual — não é composta apenas por uma porção apreensível, racional.

O teórico Ernst Fischer, ao dissertar acerca da importância das manifestações

² “Talvez vocês me digam: ‘está seguro de que essa lenda seja a verdadeira?’ Que importa o que possa ser a realidade situada fora de mim, se ela me ajudou a viver, a sentir que sou e o que eu sou?”. (tradução nossa).

artísticas, aprofunda a discussão ora em pauta, revelando-nos que a arte também é uma tentativa de saciar a fome humana pela compreensão da realidade:

É claro que o homem quer ser mais do que apenas ele mesmo. Quer ser um homem *total*. Não lhe basta ser um indivíduo separado; além da parcialidade da sua vida individual, anseia uma “plenitude” que sente e tenta alcançar, uma plenitude de vida que lhe é fraudada pela individualidade e todas as suas limitações; uma plenitude na direção da qual se orienta quando busca um mundo mais compreensível e mais justo, um mundo que *tenha significação*. Rebelar-se contra o ter de se consumir no quadro da sua vida pessoal, dentro das possibilidades transitórias e limitadas da sua exclusiva personalidade. Quer relacionar-se a alguma coisa mais do que o “Eu”, alguma coisa que, sendo exterior a ele mesmo, não deixe de ser-lhe essencial. O homem anseia por absorver o mundo circundante, integrá-lo a si; anseia por estender pela ciência e pela tecnologia o seu “Eu” curioso e faminto de mundo até as mais remotas constelações e até os mais profundos segredos do átomo; anseia por unir na arte o seu “Eu” limitado com uma existência humana coletiva e por tornar *social* a sua individualidade. [...] A arte é o meio indispensável para essa união do indivíduo como o todo; reflete a infinita capacidade humana para a associação, para a circulação de experiências e ideias (grifo e aspas do autor) (1983, pp. 12-13).

Temos de refletir, igualmente, se uma porção significativa de nossa existência não é aquela dita *sensível*. Sem dúvida, este colóquio, tal como se apresenta, nada mais é senão uma parrésia: afinal, o início de tais especulações ontológicas não remonta ao ano corrente de 2010 — tempos e tempos se passaram desde que o primeiro aventureiro, embrenhando-se na mata filosófica, dispôs-se a meditar sobre o assunto.

Mas, se revestirmos nossa postura justamente com a mesma ousadia de que lançaram mãos os filósofos helênicos, seremos levados a discorrer acerca da força do *sensível*. Afinal, em que medida é dada, à sensibilidade, a capacidade de compreender (e de fazer compreender) a realidade humana?

“Puxando-se a sardinha” para o campo de nossas inclinações, somos levados a pensar que a dúvida esboçada no parágrafo anterior pode ser elucidada, ao menos em parte — já que o esgotamento de um tópico em todas as suas faces é tarefa de loucos ou ignorantes —, pela *literatura*.

Ora, se o potencial desbravador da arte literária é incontestável, talvez se justifique, por exemplo, o arrebatamento em nós causado pelo conto *Uma galinha*, da escritora Clarice Lispector.

Clarice, grosso modo, pertence àquela constelação de pensadores que faz uso da escrita, da palavra-luz, do verbo-faísca, em prol de iluminação. Não nos cabe aqui

transcrever, *verbum ad verbum*, o texto clariceano em questão — embora consideremos que a leitura desse espécime literário seja, na mínima das hipóteses, tarefa a ser cumprida.

O poder da palavra transcende o simples símbolo, sobreleva a superfície imediata das coisas e dos seres; em outras palavras, parece-nos que pensar em literatura é direcionar o pensamento justamente para um emaranhado sintático-semântico (que é o texto literário, bem lapidado) ao qual é dada a prerrogativa de desmistificar o mundo por meio da desmistificação de cada um — releia as epígrafes deste ensaio. Daí Eagleton (2006) ter afirmado que pensar em literatura não é se perguntar o que o autor fez com o texto literário, mas também o que a obra fez com seu criador.

Estendendo, ao discurso literário, equivalente importância, também o pesquisador Massaud Moisés nos aponta que a arte literária é desvelamento de mundo, a partir do instante em que consegue incutir, no leitor, revelações que beiram a epifania:

A arte literária assim concebida não se reduz apenas a uma forma banal de entretenimento. Quando é entretenimento, é-o numa forma superior, visto que o jogo e a arte jamais se separam. Entretanto, mais do que forma elevada de recreação, a Literatura constitui uma forma de conhecer o mundo e os homens: dotada numa séria “missão”, colabora para o desvendamento daquilo que o homem, conscientemente ou não, persegue durante toda a existência. E, portanto, se a vida de cada um corresponde a um esforço contínuo de conhecimento, superação e libertação, à Literatura cabe um lugar à parte, enquanto ficção expressa por palavras de conteúdo multívoco (aspas do autor) (1973, p. 29).

Longe de qualquer restrição, temos de considerar, inclusive, que também o discurso científico contribui com a compreensão da realidade; entretanto, não sendo este espaço adequado para trazermos à discussão qual das duas manifestações discursivas é mais importante do que outra, reservamo-nos o direito de permanecer em *juste-milieu*.

O discurso científico propriamente dito, de espírito racional, ao percorrer caminhos distintos para desvelar a realidade, mune-se de lentes próprias que, por sua vez, compõem o que Kuhn (1982) chamou de *paradigma*.

Abstendo-nos de pormenores, podemos resumir a teoria kuhniana que, sendo ampla e aplicável a diversos campos do conhecimento, julgamos ser de extrema importância.

Para Kuhn, paira um mito sobre a ciência que, em “condições normais”, possui diretrizes especulativas e teóricas universalmente validadas. Quando uma ciência constrói um arsenal de informações e de técnicas que, em princípio, parecem imutáveis, alcança o

status da normalidade. Em suma, a ciência dita *normal* é aquela que possui parâmetros tais “[...] que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de [seus] praticantes” (KUHN, 1982, p. 12).

Não obstante, essa condição científica amena não permanece eternamente imóvel — ora, se afirmássemos o contrário cometeríamos um grande equívoco —, posto que não se deixa guiar pela *inércia*.

Por mais que, à superfície, determinada manifestação científica pareça estagnada — como se estivesse afundada em terreno alagadiço —, é no cerne de sua existência que reside o fervilhar de ideias e de novas possibilidades. Mas...

Conforme nos explica Kuhn, dificilmente uma sociedade científica — bem estabelecida, casada com aquele “partidão” ou vencedora da loteria — dispõe-se a alterar sua rota, a assumir que a agulha de sua bússola apresenta qualquer irregularidade. Isso significa que, ao sinal da primeira *anomalia*, há uma reação quase alérgica que visa a destruir a teoria intrusa, a substância irritante.

Isso porque os paradigmas revestem-se, inevitavelmente, de certo preconceito, como nos dá a entender o seguinte fragmento da teoria de Kuhn:

De início, o sucesso de um paradigma — seja a análise aristotélica do movimento, os cálculos ptolomaicos das posições planetárias, o emprego da balança por Lavoisier ou a matematização do campo eletromagnético por Maxwell — é, em grande parte, uma promessa de sucesso que pode ser descoberta em exemplos selecionados e ainda incompletos. A ciência normal consiste na atualização dessa promessa, atualização que se obtém ampliando-se o conhecimento daqueles fatos que o paradigma apresenta como particularmente relevantes, aumentando-se a correlação entre esses fatos e as predições do paradigma e articulando-se ainda mais o próprio paradigma. Poucos dos que não trabalham realmente com uma ciência amadurecida dão-se conta de quanto trabalho de *limpeza* desse tipo resta por fazer depois do estabelecimento do paradigma ou de quão fascinante é a execução desse trabalho. Esses pontos precisam ser bem compreendidos. A maioria dos cientistas, durante toda a sua carreira, ocupa-se com operações de limpeza. Elas constituem o que chamo de ciência normal. Examinado de perto, seja historicamente, seja no laboratório contemporâneo, esse empreendimento parece ser uma tentativa de *forçar a natureza a encaixar-se dentro dos limites preestabelecidos e relativamente inflexíveis fornecidos pelo paradigma*. A ciência normal não tem como objetivo trazer à tona novas espécies de fenômeno; na verdade, aqueles que não se ajustam aos limites do paradigma frequentemente nem são vistos. Os cientistas também não estão constantemente procurando inventar novas teorias; frequentemente mostram-se intolerantes com aquelas inventadas por outros. Em vez disso, a pesquisa científica normal está dirigida para a articulação daqueles fenômenos e teorias já fornecidos pelo paradigma (grifo nosso) (1982, p. 44).

Entretanto, o que se apresenta como sendo anomalia, não raramente, adensa-se e, adquirindo proporções irrevogáveis, conduz os caminhos da ciência a novos limiares; daí o teórico em questão defender que a existência e/ou aparecimento de anomalias é algo positivo, uma vez que a novidade científica se torna responsável pela “atualização” do próprio paradigma do qual se originou. A crise é essencial para que os instrumentos sejam revistos e novamente afiados.

Regressemos, portanto, à nossa discussão: *sendo os discursos literário e científico propriamente dito ferramentas indispensáveis para a compreensão de nossa realidade, podemos pensar na supremacia de um ou de outro?*

Para tentarmos esclarecer tal questão, guiar-nos-emos por dois caminhos. O primeiro deles será representado e se baseará em um espécime literário — conto *Uma galinha*, de Clarice Lispector (2000). A segunda iniciativa de compreensão buscará respaldo na obra teórica do filósofo Gilles Lipovetsky, *A felicidade paradoxal: um ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*, publicada no Brasil pela Companhia das Letras (2008). Cumpre ressaltar que esses dois textos foram recolhidos a esmo — seleção influenciada apenas pela memória.

Em *Uma galinha*, a escritora Clarice Lispector, a partir da figura da referida ave, tece escritos que, a nosso ver, devem ser compreendidos metaforicamente. A título de explicação, temos que o recurso metafórico, como nos expõe Paul Ricœur (1992) é aquele responsável por criar nova carga semântica a partir de ideias existentes isoladamente. Nas palavras do teórico:

[...] a característica decisiva é a inovação semântica, graças à qual uma nova pertinência, uma nova congruência, é estabelecida de tal maneira que o enunciado “faz sentido” como um todo. O criador de metáforas é esse artesão com habilidade verbal o qual, a partir de um enunciado inconsistente para uma interpretação literal, extrai um significado para uma nova interpretação que merece ser chamada metafórica por gerar a metáfora não apenas como um desvio, mas por ser também aceitável. Em outras palavras, o significado metafórico não consiste meramente em um choque semântico, mas em um novo significado que se obtém se confiarmos apenas nos valores lexicais usuais ou comuns de nossas palavras. A metáfora não é enigma, mas a solução do enigma (grifo e aspas do autor) (p. 148).

Daí a galinha da obra clariceana compor, pelo que nos parece, uma figura que vai muito além da simples ave; em nosso ver, o animal em fuga retratado pela escritora é a

própria mulher da época de Clarice:

Sozinha no mundo, sem pai nem mãe, ela corria, arfava, muda, concentrada. Às vezes, na fuga, pairava ofegante num beiral de telhado e enquanto o rapaz galgava outros com dificuldade tinha tempo de se refazer por um momento. *E então parecia tão livre.*

Estúpida, tímida e livre. Não vitoriosa como seria um *galo em fuga*. Que é que havia nas suas vísceras que fazia dela um ser? A galinha é um ser. É verdade que não se poderia contar com ela para nada. *Nem ela própria contava consigo, como o galo crê na sua crista.* Sua única vantagem é que havia tantas galinhas que morrendo uma surgiria no mesmo instante outra tão igual como se fora a mesma.

Afinal, numa das vezes em que parou para gozar sua fuga, o rapaz alcançou-a. Entre gritos e penas, ela foi presa. Em seguida carregada em triunfo por uma asa através das telhas e pousada no chão da cozinha com certa violência. Ainda tonta, sacudiu-se um pouco, em cacarejos roucos e indecisos.

Foi então que aconteceu. De pura afobação a galinha pôs um ovo. Surpreendida, exausta. Talvez fosse prematuro. Mas logo depois, *nascida que fora para a maternidade*, parecia uma velha mãe habituada. Sentou-se sobre o ovo e assim ficou, respirando, abotoando e desabotoando os olhos. Seu coração, tão pequeno num prato, solejava e abaixava as penas, enchendo de tepidez aquilo que nunca passaria de um ovo (LISPECTOR, 2000, p. 259).

A galinha literária, apalpada com indiferença, é, tal qual a mulher, resignada: justamente aquela criatura que possui “o velho susto de sua espécie já mecanizado” — espécie a quem não é dado o privilégio de cantar. Em suma: a reflexão que depreendemos do texto transcende o texto. Comprovado o potencial iluminador da literatura.

Daí a reflexão proposta por Pierre Bourdieu (1996) que, ao estudar a gênese e a estrutura do campo literário, nos mostra que a escrita tem potencial libertador, sendo um desafio para fugirmos do congelamento mental que é inerente aos automatismos sociais:

A escrita abole as determinações, as sujeições e os limites que são constitutivos da existência social: existir socialmente é ocupar uma posição determinada na estrutura social e trazer-lhe as marcas, sob a forma, especialmente, de automatismos verbais ou de mecanismos mentais, é também depender, ter e ser tido, em suma, *pertencer* a grupos e estar encerrado em redes de relações que têm a objetividade, a opacidade e a permanência da coisa e que se lembram sob a forma de obrigações, de dívidas, de deveres, em suma, de controles e de sujeições (grifo do autor) (pp. 42-43).

Se nos transpusermos, então, conforme planejado, à discussão da obra de Lipovetsky, seremos capazes de compreender muito da essência de nossa contemporaneidade, posto que o teórico nos ensina que nossa sociedade, guiando-se pelo imediatismo, encontra, no consumismo exacerbado, o que nos parece sua razão de ser. As relações apresentam-se com “alto esvaziamento demográfico” e toda a espetacularidade de

nosso contexto procura, no capitalismo, bases para fincar raízes.

A compreensão da realidade proposta por Lipovetsky perquire, por exemplo, em que medida nós, sujeitos contemporâneos, buscamos por experiências estéticas que sirvam como recurso paliativo para conter uma febre que, instalada em nosso âmbito psíquico, nos conduz ao delírio do consumo. O autor nos auxilia a entender que

[...] a essa ordem econômica, em que o consumidor se impõe como o senhor do tempo, corresponde a uma profunda revolução dos comportamentos e do imaginário de consumo. Um *Homo consumericus* de terceiro tipo vem à luz, uma espécie de turboconsumidor desajustado, instável e flexível, amplamente liberto das antigas culturas de classe, imprevisível em seus gostos e em suas compras. De um consumidor sujeito às coerções sociais da posição, passou-se a um hiperconsumidor à espreita de experiências emocionais e de maior bem-estar, de qualidade de vida e de saúde, de marcas e de autenticidade, de imediatismo e de comunicação. O consumo intimizado tomou o lugar do consumo honorífico, em um sistema em que o comprador é cada vez mais informado e infiel, reflexivo e “estético”. Pouco a pouco, desvanecem-se os antigos limites de tempo e de espaço que emolduravam o universo do consumo: eis-nos em um cosmo consumista contínuo, dessincronizado e hiperindividualista, no qual mais nenhuma categoria de idade escapa às estratégias de segmentação do marketing, mas no qual cada um pode construir *à la carte* seu emprego do tempo, remodelar sua aparência, moldar suas maneiras de viver (grifo e aspas do autor) (2008, p. 14).

Ratificado o potencial iluminador do discurso científico propriamente dito.

Logo, divisamos um impasse praticamente insolúvel: quem é supremo? A literatura? A ciência racional? Quisera nos fosse dado o poder de laurear o vencedor. Todavia, tal impossibilidade, pelo que nos parece, é justamente devido ao fato de que não há.

O discurso literário atenta-se ao mágico da vida: à névoa que se torna espessa, conduzindo-nos até espaços e dimensões obscuras e profundas. Ao porão mencionado no início deste ensaio.

Ademais, cumpre ressaltar, a beleza do discurso literário — o que a escritura de um autor possui justamente de mais inquisitivo e misterioso — reside no fato de que a obra (quer seja conto, poema ou romance) cria seu próprio mundo e o faz de tal maneira intensa que o leitor é arrebatado a acreditar justamente no pacto que o autor quer estabelecer quando coloca em cena, em seu favor, seus personagens e situações.

Endossam, por exemplo, nossa discussão, os teóricos René Wellek e Austin Warren, que nos ensinam que a literatura cria uma realidade que se constrói sobre referenciais (caracterização, espaço, tempo...) próprios — “[...] o tempo e o espaço num romance não

são o tempo e o espaço reais” ([s.d.], pp. 31-32).

Conduzindo seu veículo teórico na mesma mão, Umberto Eco detém-se também à análise do fato de que o pacto científico, propriamente dito, é “revisável”, enquanto que o pacto literário não pede por alterações. A ciência, em seu ver, pede por uma legitimação empírica externa; o texto literário, por sua vez, pede por uma legitimação textual interna: a construção das significações internas do texto precisa guiar a obra de maneira tal que ela se baste:

Laissez-moi alors appeler vérités encyclopédiques tous ces articles de connaissance commune que j'apprends d'une encyclopédie (comme la distance du Soleil à la Terre ou le fait qu'Hitler est mort dans un bunker). Je tiens cette information pour vraie parce que j'ai confiance en la communauté scientifique et que j'accepte une sorte de division sociale du travail culturel par lequel je m'en remets à des gens spécialisés pour le prouver. Les assertions encyclopédiques ont cependant une limite. Elles sont toujours sujettes à révisions, puisque la science est par définition toujours prête à reconsidérer ses propres découvertes. Si nous gardons un esprit ouvert, nous devons être prêts à réviser nos opinions sur la mort d'Hitler chaque fois que l'on découvrira de nouveaux documents, et revoir nos croyances sur la distance du soleil [...] (ECO, 2010, p. 9).³

O discurso científico racional, por sua vez, guia-nos em direção à luz, ao sol, ao clarear das ideias. Logo, ambas as manifestações do conhecimento se nos apresentam como complementares, faces de mesma moeda.

O necessário, em nossa contemporaneidade, não é distinguir, marcar com sinal infame, o perdedor da batalha; precisamos, sim, nos empenharmos em buscar alternativas as mais holísticas possíveis para que nossa existência seja compreendida. Para que a ética seja resgatada (cf. SÁBER, 2010).

³ “Deixem-me então chamar de verdades enciclopédicas todos estes artigos de conhecimento comum que aprendo de uma enciclopédia (como a distância do Sol à Terra ou o fato de que Hitler morreu em um *bunker*). Tomo tal informação por verdadeira porque confio na comunidade científica e aceito uma espécie de divisão social de trabalho cultural que confio às pessoas especializadas para provar. As asserções enciclopédicas possuem, entretanto, um limite. São sempre sujeitas a revisões, uma vez que a ciência está, por definição, sempre pronta a reconsiderar suas próprias descobertas. Se conservamos um espírito aberto, devemos estar prontos a revisar nossas opiniões a respeito da morte de Hitler toda vez que são descobertos novos documentos, e a rever nossas crenças sobre a distância do sol [...]” (ECO, 2010, p. 9) (tradução nossa).

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. 6ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ECO, Umberto. Quelques commentaires sur les personnages de fiction. **SociologieS**, Dossiers, Émotions et sentiments, réalité et fiction. 2010. Disponível em: <<http://sociologies.revues.org/index3141.html>>. Acesso em: julho 2010.

FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte**. 9.ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1982.

LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

LISPECTOR, Clarice. Uma galinha. In: MORICONI, Ítalo (Org.). **Os cem melhores contos brasileiros do século**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2000, pp. 258-260.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária: introdução à problemática da literatura**. 6.ª ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1973.

RICŒUR, Paul. O processo metafórico como cognição, imaginação e sentimento. In: SACKS, Sheldon (Org.). **Da metáfora**. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992, pp. 145-160.

SÁBER, Rogério Lobo. O pensamento e o resgate da ética contemporânea. **Reuni (Revista do Curso de Publicidade e Propaganda)**, Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, n. 3, 2010. Disponível em: <<http://www.univas.edu.br/reuni>>.

WELLEK, René; WARREN, Austin. **Teoria da literatura**. 2.ª ed. Portugal: Publicações Europa-América, [s.d.].